que parece apostado em dar cabo da imprensa, mormente a trabalhadora. O nosso órgão já teria desaparecido, o que seria motivo de regosijo para os que lhe ambicionam a morte, se não fôsse o nosso esfôrço e o amparo dos que reconhecem a sua falta, principalmente neste momento histórico. Os jornais mercantilistas, para equilibrarem os seus lucros antigos, aumentaram o seu preço, reduziram o número de páginas e alguns estreitaram as suas colunas para irem buscar compensações ao anunciante, que êste por sua vez as vai tirar ao consumidor...

Ora nós não temos anúncios pagos para estreitar colunas, e não queremos aumentar o preço ao periódico, para não sobrecarregar o leitor. Daremos quatro páginas, e nessas quatro páginas procuraremos dizer o mais que se possa, isto é, retiraremos tôda a matéria dispensável para entrarem artigos inéditos e de ocasião, acompanhando a marcha dos acontecimentos nacionais e internacionais. Isto enquanto durar êste estado de coisas. Não queremos, porêm, dizer que, quando as finanças nos permitam, não publiquemos de quando em vez um número de oito páginas.

Dada esta necessária explicação, continuamos a contar com a confiança e o auxílio dos nossos camaradas.

Sermões ao ar livre

Aos que se nutrem de ideas correntes, em letra redonda, como exclusivo repasto, o critério anarquista é de laboriosíssima digestão.

Assim, a cada passo nos sucedia recebermos o apôdo de «talassas» quando discutíamos com um jacobino, e o de «jacobinos» quando o debate era com um talassa. Nênhum deles conhecia senão essa alternativa; e ambos eram incapazes de perceber que, sendo irmãos gémeos que caminham a par e tendo-nos a nós de frente e pela proa, nós é que indiferentemente poderíamos dar a ambos qualquer daqueles apelidos.

O mesmo sucede agora com a questão da guerra. Somos «aliadófilos» ou «germanófilos», conforme o interlocutor que se nos depara — acontecendo até ser às vezes êsse interlocutor uma criatura que, supúnhamos nós, devia saber ocupar por um instante o nosso ponto de vista.

Em virtude das ideas dos nossos arguentes mais amiudados, a insídia que mais amiude nos é jogada é a de germanófilos.

Recebemo-la da parte de pessoas que estão longe de repudiar o imperialismo, as guerras, as conquistas e os estados; ou então da parte daqueles que, imprecando indignados contra a social-democracia germânica, acham bem que o gesto desta seja imitado do lado de cá da fronteira.

Como dizia Domela Nieuwenhuis em 5 de Julho de 1911, profetizando acertadamente sôbre a guerra anglo-alemã, que andava no ar: «... Desde o momento que o Kaiser sabe que o próprio velho Bebel pegaria ainda numa espingarda e que do outro lado Jaurés faria o mesmo, já êle não receia o perigo».

Porque não há nada para manter e reforçar a «união sagrada» num país como a «união sagrada» no país inimigo. Que o digam, em cada um deles, os jornais burgueses — e os revolucionários fiéis. Para manter a fé dum germanófilo, não há como o exemplo de outro... germanófilo.

ZENO VAZ.

Nas horas vagas...

O SR. Guedes d'Oliveira, dizia numa das suas últimas crónicas para o *nosso* «Janeiro»: «Estamos numa terra em que não é uso pensar pelo cérebro, mas pelo estômago, pelo ventre, e pelas barrigas das pernas, consoante as circunstâncias.»

Tal e qual...

Quem, há coisa duns dois ou três meses, viu êste jornalista gritar furioso contra o envio de tropas portuguesas para a horrorosa carnificina europeia, enquanto a Inglaterra não fizesse os últimos sacrifícios, e o vê hoje, caído de cócoras perante as habilidades diplomáticas do sr. A. Costa, assular os ánimos e despertar o patriotismo de todos para dar combate sem tréguas aos «bárbaros» teutões — sem a Inglaterra fazer os tais sacrifícios — dá-lhe logo carradas de razão. Realmente os jornalistas a soldo são assim: não pensam pelo cérebro; olham mas é para a côr e para a quantidade do dinheiro. O seu bandulho não pode dar horas... E portanto colocam-se na situação de camaleões...

Entre os muitos argumentos dos nossos queridos «guerristas», argumentos justificativos da sua atitude na actual conjuntura, há alguns de escacha pessegueiro. Este, por exemplo: «Se nada possuem (os trabalhadores) porque lutam? Pelo nosso ideal. Temos a defender o património das ideas, de usos e costumes, que nos foi legado pelo esforço insurreccional do povo em ocasiões várias — em 1789, em 1830, em 1848, em 1871, etc.; temos a defender a possibilidade de, após a guerra, retomarmos a interrompida nossas reivindicações económicas, no ponto em que a deixamos.» E' claro, tudo isto como soldados do Estado. Não é assim? Ora em França agarraram nos revolucionários sujeitos ao serviço militar, e nos voluntários, e pregaram com êles nas primeiras linhas de fogo. Nos outros países é possível que também houvessem feito o mesmo. Os combates são tremendos: os soldados morrem aos milhares; e quem mais à frente estiver mais apanha. De sorte que morrendo todos os revolucionários, ou a sua grande maioria, tudo aquilo ha-de ser defendido... no outro mundo. E como lá não há-de haver oposição digna de registo, em breve assistiremos à completa emancipação... dos esqueletos.

Oh! a lógica... a lógica...

Andam com sorte, os nossos guerristas tripeiros. A semana finda ofereceram-se para ir combater os *alamões* nada menos de... sete indivíduos, quatro dos quais menores de 21 anos. Numa cidade que possui 190 a 200 mil habitantes, na sua quase totalidade patriotas extremes, aquele número de voluntários é muito significativo. Não obstante, «todos» *querem* a guerra...

O ilustre pai da pátria, o senador Daniel Rodrigues, reclamou, no Senado, que se «restaure a pena de morte e as penas corporais.» Que qualidade de bofes terá este... bípede? Então êle não sabe «que o Estado violando o direito à vida leva a cabo a mais bestial das vinganças?» o mais brutal dos crimes? o mais ignominioso direito de fôrça? o mais cruel exercício da autoridade organizada? Este pobre diabo, que a monarquia nunca deu por êle, desconhecerá a célebre carta de Vítor Hugo, dirigida a Portugal, elogiando-o por abolir semelhante processo de castigar *criminosos?* Se calhar não teve tempo de a ler... Ah! que se Vitor Hugo ainda vivesse, coraria de vergonha, por ver que numa república, filha de três revoluções, ainda há criaturas cujos instintos de besta apenas obedecem ao critério de botar figura.

Bem dizia o Silva Pinto: este mundo está retorcido como um côrno...

PEDRO GUIMARÃES.

Falta de papel. — Devido à escassez — ou assambarcamento — dêste género, o nosso semanário não saiu a semana transata, motivo porque damos conhecimento aos nossos leitores.

Saiu o número 4 da SEMENTEIRA.

RABISCOS

Em guerra!

PORTUGAL, como todos sabem, encontra-se em estado de guerra com a Alemanha.

A guerra, «aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e, quanto mais come e consome, tanto menos se farta; aquela tempestade terrestre que leva os campos, as casas, as vilas, os castelos e as cidades; aquela calamidade composta de tôdas as calamidades, em que não há mal algum que ou se não padeça, ou se não tema, nem bem que seja próprio e seguro», é um facto neste inditoso país. Em breve teremos de sofrer tôdas as resultantes dessa luta fratricida.

Parece-me um sonho tudo isto, mas, infelizmente, é a dura, a estúpida realidade. De pouco tem valido — triste, mas preciso é dizê-lo — todos os anseios duma fraternidade universal que alguns *visionários, utopistas* veem de há muito espalhando numa sementeira nobre, todavia muito pouco frutífera...

Protestar agora contra a guerra é simplesmente ratificar tôda a propaganda que se tem feito há longos anos pelo derramamento das doutrinas libertárias.

Bem sei que não faltará quem nos acuse de traidores, de vendidos. Porêm, nós temos a declarar que estamos onde sempre estivemos. Somos contra a guerra porque odiamos todos os conflitos entre povos irmãos, vítimas do mesmo estado social, dos mesmos infortúnios, das mesmas desgraças.

«A guerra moderna, escreveu Krapótkine, não é só a carnificina, a loucura do homicídio, o regresso, durante o morticínio, à selvajaria. E' também, numa escala colossal, a destruição do trabalho humano; e os efeitos desta destruição, sentimo-los entre nós continuamente, *em tempo de paz*, por um aumento de miséria para os pobres e pelo enriquecimento paralelo dos ricos. Cada guerra é a destruição dum material formidável, que compreende não só o material de guerra pròpriamente dito, mas também as coisas mais necessárias à vida cotidiana de tôda a sociedade: pão, carnes, legumes, géneros de tôdas as espécies, béstas de tiro, couro, carvão, metais, vestuário. Tudo isso representa o trabalho útil de milhões de homens durante dezenas de anos, e tudo isso será desperdiçado, queimado, atirado à água, dentro de poucos meses.»

Por tudo isto, é que sou contra a guerra.

C. RODRIGUES.